

“O povo da rua”: saúde, políticas públicas e comunicação

“The street people”: health, public policies and communication

“Las personas de la calle”: salud, políticas públicas y comunicación

Maria Livia Roriz^{1,a}

marialiviaroriz@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-3013-8663>

Alexandra Oliveira^{2,b}

oliveira@fpce.up.pt | <https://orcid.org/0000-0002-8453-1719>

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Universidade do Porto, Centro de Psicologia da Universidade do Porto. Porto, Portugal.

^a Doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

^b Doutorado em Psicologia pela Universidade do Porto.

Palavras-chave: Rua; Saúde; Políticas Públicas; Comunicação; Covid-19.

Keywords: Street; Health; Public policies; Communication; Covid-19

Palabras clave: Calle, Salud; Políticas públicas; Comunicación; Covid-19.

Neste dossiê temático, procuramos refletir sobre a articulação entre as práticas de ruas e as políticas públicas, colocando em cena a rua que é resultado de políticas públicas em saúde como lugar de construção de vínculos a partir da premissa da vinculação comunicacional. No pós-pandemia da covid-19, o dossiê busca refletir como a rua, que foi sempre considerada como pretenso lugar da liberdade, passou a ser vista no momento do confinamento, quando se transformou em espaço proibido; e depois da pandemia, quando o agravamento das condições econômicas fez explodir os números dos moradores de rua, sobretudo, nos grandes centros urbanos. Uma rua em múltiplas metamorfoses e suas margens. O agravamento da situação de vida após a pandemia da covid-19 impõe a análise deste mundo, de forma a perceber a multidimensionalidade do vulnerável da população de rua, bem como ações efetivas de comunicação na busca da produção de sentidos do comum humano (Sodré, 2014). A comunicação além de propiciar uma relação terapêutica, torna-se meio fundamental das práticas de promoção da saúde.

Este dossiê temático é sobre “o povo da rua”, metaforicamente designando aqueles que sobrevivem e fazem das ruas espaços de sobrevivência, que habitam suas calçadas e a usam como meio de trabalho, de existência, se nutrem dos seus espaços, das suas fronteiras e margens. E, sobretudo, como o comunicacional se articula com estas diversas dimensões nestes territórios de vivências, produzindo sentidos e, ao mesmo tempo, articulando o comum humano, no sentido atribuído por Muniz Sodré (2014).

Assim, os três primeiros artigos que abrem o Dossiê O povo da rua: saúde, políticas públicas e comunicação fazem da rua ponto de partida e de chegada para as reflexões em torno das políticas públicas,

da precarização do trabalho nas ruas e das ruas como lugares signos da vulnerabilidade e da exclusão à mostra, como chaga exposta das desigualdades sociais. Sintetizam, portanto, os sentidos que a rua assume e a importância das práticas interventoras, com o objetivo de promover inclusões e cuidados, resumindo com destaque os três eixos temáticos – saúde, políticas públicas e comunicação – que compõem o dossiê personificado por sujeitos das ruas. O último texto do dossiê traz outros sujeitos da exclusão, que por ações de etnoeducação se transformam, ao aprender e ensinar ao mesmo tempo, de maneira circular e não totalitária na produção das práticas educacionais transformadoras.

O que une os quatro textos da coletânea são as possibilidades de transformar, a partir das ações transformadoras que olham, enxergam e produzem mudanças naqueles que são colocados normalmente como um “Outro”. Neste dossiê, todos se constituem como o “Mesmo” de um aparente “Outro” – sejam os que recebem “o cuidado nas ruas”, sejam os que trabalham sob sol e chuva na precarização extrema de trabalho, sejam os que são considerados “população em situação de rua”, ou sejam, por último, os quilombolas, objetos da circularidade das ações de ensino. Cada um traz a seu modo a ideia de que aprender também é ensinar, e vice-versa. São sujeitos atravessados de humanidades e para os quais os olhares se voltam, a partir das reflexões promovidas pelas pesquisas e das ações indicadas por essas mesmas pesquisas.

Como sintetizamos na chamada do dossiê: “Os movimentos geográficos, suas curvas, becos, ruelas, travessas, avenidas, sempre fizeram das ruas local de encantamento, de liberdade, de perversão, mas também de opressão, da vulnerabilidade, do crime, da violência do proibido.” (Roriz; Oliveira, 2023). Nesse sentido, a rua pode ser vista como o espaço do sagrado – com ritos religiosos, lavagens, procissões –, mas também pode ser entendida numa direção aparentemente contrária, que serviria ao profano, com as festas e os espetáculos, indicando as existências em movimento, os modos de sobrevivência e as sociabilidades. É dessa forma que a rua, como objeto de estudo, contempla reflexões de inúmeros campos científicos das humanidades.

O Dossiê O povo da rua: saúde, políticas públicas e comunicação reflete sobre a rua que se apresenta em suas múltiplas metamorfoses e margens. Por outro lado, na articulação com a comunicação o binômio prática de ruas *versus* políticas públicas faz emergir a rua pensada pelas políticas públicas em saúde como lugar de construção de vínculos. Estratégias de melhoria das condições de vida implicam, ao mesmo tempo, uma articulação complexa de ações intersetoriais em saúde, pautadas por efetivas políticas públicas, que não podem prescindir do comunicacional. O agravamento da situação de vida após a pandemia impõe a análise desse mundo, de forma a perceber a multidimensionalidade do vulnerável da população de rua, bem como as ações efetivas na busca da produção de sentidos do comum humano, como proposto e reiterado por Muniz Sodré (2014). Assim, além de propiciar uma relação terapêutica, a comunicação torna-se meio fundamental das práticas de promoção da saúde.

Alguns marcos nos levaram a propor o dossiê, além de um mundo pandêmico com o isolamento social e o esvaziamento das cidades, no primeiro momento; e a partir das transformações da rua, nos momentos seguintes, adensando o longo processo de mutação dos espaços encantados, dos becos, das travessas, das passagens.

As observações de Walter Benjamin sobre a rua como “a morada do coletivo” (p. 468) revelam o sentido das ruas para uma multidão de sujeitos, esse coletivo que para Benjamin encrusta na paisagem urbana sua inquietude, sua experimentação, sua invenção nas esquadrilhas das ruas que se avizinham aos seus olhares e gestos: “[...] as ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado que vivencia, experimenta, conhece e inventa tantas coisas entre as fachadas dos prédios quanto os indivíduos no abrigo de suas quatro paredes” (Benjamin, 2009, p. 468). Um dos principais eixos dos artigos apresenta a rua como local de presença de sujeitos em situações de vulnerabilidade social para os quais se

destinam políticas públicas. Entre tais políticas, destaca-se a de redução de danos, uma vez que a rua obriga à construção de ações e reações destinadas a sujeitos em situações de vulnerabilidade.

A rua abarca o humano, a saúde, o trabalho, os movimentos de exclusão, o urbanismo, a ação pública de políticas públicas, o olhar para a vulnerabilidade, mas, sobretudo, o comum humano e os seus vínculos. O espaço da rua é, assim, analisado com foco na relação entre comunicação, psicologia e saúde.

A construção desse dossiê é resultado, também, de um encontro que se deu no deslocamento das ruas do Brasil em direção às ruas da cidade do Porto, em Portugal. O tema de pesquisa de Alexandra Oliveira – pesquisadora e professora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, e do Programa Doutoral em Sexualidade Humana, da mesma instituição –, qual seja, as trabalhadoras do sexo que habitam as ruas da cidade portuguesa, se relaciona intrinsecamente com a pesquisa realizada pela pesquisadora brasileira, Maria Lívia Roriz, também convidada para editar o dossiê. As transexuais nas ruas do Brasil e de Portugal transformaram esses espaços na ponte indispensável para a produção de pesquisas conjuntas que miravam sujeitos humanos em situação de extrema vulnerabilidade social.

O texto que abre o dossiê, Escuta, afeto e amorosidade: etnografia sobre a construção de um cuidado na rua, de Fabiana Ferreira Koopmans, Donizete Daher, Hermes de Paula e Magda Faria (2023), procura identificar elementos das práticas de cuidado de duas equipes de Consultório na Rua, no município do Rio de Janeiro. A pesquisa, de viés antropológico, propõe a realização da etnografia como método, para, assim, produzir uma escuta, descrita pela autora, como “qualificada e de acolhimento” (p. 764), fazendo do “afeto e da amorosidade elementos constituintes do cuidado” (p. 767) em relação à população de rua. Mais do que palavras, acolhimento, escuta, afeto e amorosidade são eixos reflexivos, metodológicos e de resultados efetivos para um “cuidado na rua” (p. 764).

Os entregadores de aplicativos que se multiplicam pelas cidades, expondo a precariedade do trabalho e a exclusão a que são submetidos, são os sujeitos centrais da reflexão do segundo texto do dossiê, A rua como local de trabalho: o caso de entregadores via aplicativos, de Gabriel Antonio Ferreira Angelin, Giovanna de Carvalho Pastore e Cibele Mariano Vaz de Macedo (2023). O estudo investiga o contexto de trabalho dos entregadores de aplicativos, levando em consideração o fato de o trabalho ser realizado na rua, mas também “o sucateamento de direitos trabalhistas, a precarização do trabalho desses entregadores, o fenômeno de uberização” (p. 775) – cenários agravados pela pandemia de covid-19. Mostra também que houve aumento dos processos psicopatológicos, aliado ao medo da contaminação pelo coronavírus, o que, para os autores, afasta os entregadores de aplicativos do trabalho formal, além de impactar diretamente a saúde biopsicossocial deles.

O terceiro texto, Jornalismo, população em situação de rua e eventos internacionais: uma análise de reportagens do jornal O Globo em 2017, de Carlos Eduardo Abbud Hanna Roque e Igor Lacerda (2023), tem como objeto empírico privilegiado esse *corpus* de reportagens selecionadas para refletir sobre possíveis relações entre a construção de discursos em consonâncias com os eventos. O objetivo dos autores é analisar as representações das pessoas em situação de rua e da violência, a partir de reportagens de O Globo, procurando identificar se esses sujeitos são retratados como responsáveis pela violência urbana ou como vítimas de grupos violentos. Para isso, eles analisam reportagens publicadas em 2017, um ano após o Rio de Janeiro ter passado por intervenções urbanas, com preparativos para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Como metodologia, utilizam a análise de narrativas, e nos resultados mostram que o jornal constrói um discurso dúbio, oscilando entre demonizar essas pessoas (e, dessa forma, reforçar preconceitos a elas associados) e, em menor escala, divulgar as violências enfrentadas por esse segmento da população.

O ser coletivo quilombo, que preserva seu espaço que não é a rua, é o ator central do texto Aprender e ensinar de modo circular e não totalitário: ensaios em etnoeducação com quilombolas na região amazônica, de Johnny Menezes Alvarez, que discute uma experiência em etnoeducação, numa escola da comunidade

Quilombola Boa Vista Cuminã, em Oriximiná, no Pará. A partir de uma “metodologia etnográfica ativam-se dispositivos comunitários de ensinar e aprender ‘com’” (p. 800). O artigo relata, portanto, uma experiência coletiva de ensino e aprendizagem. O trabalho apresenta possibilidades de transformação dos aparentemente vulneráveis, que vivem em situação que requer cuidados, em “agências”, “individuais e coletivas”. Nessas agências, romper com posições hierárquicas e disciplinares, que opõem ensinar e aprender, pode ser a chave para caminhos outros, a partir da potência já vivenciada por eles da vida comunitária, baseada no comum humano.

Portanto, trata-se de quatro trabalhos de pesquisadores de diferentes campos de conhecimento que colocam, no centro de suas análises, ações, reações, manejos, possibilidades de vida, de trocas, entre os que estão visíveis nas ruas, ou aqueles que, ao apelarem para a vida em comum, fazem dos seus espaços comunitários um lugar que inverte fronteiras. Enfim, são descrições e reflexões sobre formas de vida que apelam às múltiplas ações/afetos/amorosidades que, em muitos domínios, podem ser a chave interpretativa para transformações.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny Menezes. Aprender e ensinar de modo circular e não totalitário: ensaios em etnoeducação com quilombolas na região amazônica. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 800-814, 2023. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v17i4.3811>. Disponível em: <https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3811/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

ANGELIN, Gabriel Antonio Ferreira; PASTORE, Giovana de Carvalho; MACÊDO, Cibele Mariano Vaz de. A rua como local de trabalho: o caso de entregadores via aplicativos. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 773-784, 2023. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v17i4.3811>. Disponível em: <https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3811/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

KOOPMANS, Fabiana Ferreira *et al.* Escuta, afeto e amorosidade: etnografia sobre a construção de um cuidado na rua. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 761-772, 2023. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v17i4.3757>. Disponível em: <https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3757>. Acesso em: 8 dez. 2023.

ROQUE, Carlos Eduardo Abbud Hanna. Jornalismo, população em situação de rua e eventos internacionais: uma análise de reportagens do jornal O Globo em 2017. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 785-799, 2023. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v17i4.3814>. Disponível em: <https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3814/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

RORIZ, Maria Lívia; OLIVEIRA, Alexandra. **Dossiê O povo da rua: saúde, políticas públicas e comunicação** (v. 17, n. 4) out./dez 2023. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/announcement/view/37>. Acesso em: 21 nov. 2023.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.